

Da des-construção à re-construção de sentidos e funções: apresentação e análise de recortes do processo de terapia familiar numa família com paciente identificado com funcionamento psicótico¹

Mariângela Pinto da Fonseca Wechsler²

I-INTRODUÇÃO:

Meu interesse em estudar a construção, a des-construção e a re-construção dos processos de desenvolvimento, quer de um indivíduo, quer de um grupo já é de longa data, uma vez que minha formação continuada foi trilhada pela Especialização em Psicodrama, a qual me deu a possibilidade de leitura da estrutura de um grupo, da sua dinâmica e das possibilidades de cura; pelo Mestrado e Doutorado em Psicologia, área de concentração Psicologia escolar, onde pude estudar e criar uma espiral de desenvolvimento que correlaciona os níveis de desenvolvimento sócio-afetivo-cognitivo, assim como propor pesquisas com crianças e adolescentes que pudesse corroborar minhas hipóteses, as quais afirmavam que as estruturas individuais (cognição) e os padrões de relação sócio-afetivo são construídos ao mesmo tempo e que, portanto, num determinado contexto, podemos ajudar quer na construção propriamente dita das estruturas e modos de relação, quer na des-construção de sentidos não funcionais e quer na re-construção de novas Formas e Conteúdos que apontem para a funcionalidade do sistema³. Faltava, na minha trajetória a compreensão mais apurada sobre pensadores sistêmicos e construtivistas que trabalhavam com um grupo específico – a Família e que alargassem meu universo de visão, até então, com influências prioritárias do enfoque Socionômico (Psicodramático) e Piagetiano (Construtivismo). Me apropriando da palavras de Nichols&Schwartz (1998) “ *a terapia familiar pode ser vista como um desenvolvimento inevitável na evolução da psicoterapia*” (p. 75)

Foi, então, que busquei o Curso de Formação de Terapia Familiar em Hospital da UNIFESP, o qual culmina com a escrita desta monografia (2004), aqui apresentada como um artigo.

Para tanto, quero apresentar e refletir sobre o processo de atendimento de uma família com núcleos psicóticos, mostrando as formas e padrões de relação sócio-afetiva e cognitiva, a estrutura da família (dos vínculos) e seus valores e crenças, assim como pontuar as des-construções dos padrões ditos disfuncionais, pois apontavam para a doença (núcleos psicóticos) e as re-construções alcançadas, apontando para uma nova Forma de Pensar, Sentir e Agir no sistema.

Desta maneira, temos por objetivo geral, neste artigo, a apresentação e a análise de recortes do processo familiar numa visão sistêmica construtivista e por objetivos específicos situar a parte psicótica da personalidade, da perspectiva Bioniana, e utilizá-la numa compreensão sistêmica construtivista, discutindo, até onde pudermos, os sentidos destas aproximações, que apontarão para a discussão sobre o campo de pesquisa que põe em jogo as relações entre os aspectos intra-psíquicos (parte psicótica) e os inter-psíquicos (jogos relacionais).

¹ Trabalho apresentado na III Conferência do Mediterrâneo, Barcelona Espanha, 2008.

² Psicodramatista-Didata-Supervisora pela FEBRAP; Profa. Departamento de Psicodrama do Instituto Sedes Sapientiae e do Convênio entre SOPSP-PUCSP; Dra. em Psicologia Escolar pela USP; Especialista em Terapia Familiar em Hospital pela UNIFESP; Coord. Núcleo de Pesquisa da Diretoria de Ensino e Ciência da FEBRAP (gestões 2003-4; 2005-6). E-mail: mariwe@terra.com.br

³ Aqui estamos usando o termo funcionalidade da perspectiva Construtivista formulada por Piaget, onde o recorte funcional não apenas “ re-alimenta” a estrutura mas, sobretudo, promove sua modificação, apontando para a idéia que Estrutura e Função são indissociáveis, construídas e re-construídas ao longo do desenvolvimento (Wechsler, 1999)

Como finalidade última, teceremos comentários sobre quando se consegue ler o sistema sob o foco dos jogos relacionais, co-construindo um padrão de relação familiar que permita conexões entre a organização intra-psíquica de seus membros e a inter-psíquica, existe a tendência de se re-colocar o sistema para funcionar de modos mais adaptativos, atualizando a Teleologia e a Teleonomia que garantem a Vida. Da perspectiva de pesquisa, teceremos alguns comentários entre a pesquisa aqui apresentada e a modalidade de Pesquisa-Ação.

II- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA:

1. A Concepção Sistêmica da Vida

Termos uma Visão Sistêmica da vida é, sobretudo, abandonarmos a idéia linear de compreensão de um fenômeno, ou seja a premissa causa e efeito, tão referendada pelo pensamento positivista, cujo expoente principal, na filosofia, é Descartes, precursor da lógica dedutiva, base da filosofia cartesiana. Ao mesmo tempo, é abandonar a idéia de uma compreensão somente objetiva dos fenômenos e, nessa perspectiva, a crença de que é possível sermos observadores não participantes, isentos, das situações. Segundo as palavras de Capra (1982):

“ O paradigma ora em transformação dominou nossa cultura durante muitas centenas de anos, ao longo dos quais modelou nossa moderna sociedade ocidental e influenciou significativamente o resto do mundo. Esse paradigma compreende um certo número de idéias e valores que diferem nitidamente dos da Idade Média; valores que estiveram associados a várias correntes da cultura ocidental, entre elas a revolução científica, o Iluminismo e a Revolução Industrial. Incluem a crença de que o método científico é a única abordagem válida do conhecimento; a concepção do universo como um sistema mecânico composto de unidades materiais elementares; a concepção da vida em sociedade como uma luta competitiva pela existência; e a crença do progresso material ilimitado, a ser alcançado através do crescimento econômico e tecnológico. Nas décadas mais recentes, concluiu-se que todas essas idéias e esses valores estão seriamente limitados e necessitam de uma revisão radical.” (p.28) .

Esta mudança de paradigma, norteada, a partir da física moderna, além de se definir pela diferença da premissa que o todo não é igual a soma das partes, tal qual o pensamento mecanicista, cartesiano definiria, têm outras peculiaridades: Segundo Capra(1982) é orgânico, holístico e ecológico, onde o todo é indivisível e dinâmico, compreendido pela interdependência das partes, as quais tendem a formar algo que vai para além das partes, tal qual a união entre dois elementos gasosos- H₂ e O, precipitando-se na formação de um líquido, a água (H₂O). Seg. o autor, *“ a maneira como as várias partes estão integradas no todo é mais importante do que as próprias partes. As interconexões e interdependências entre os numerosos conceitos representam a essência de minha própria contribuição.”* (p. 15). Assim, um Sistema Vivo poderia ser definido como a Teia de relações, a Teia da Vida, entendendo a vida como a busca de auto-organização, de padrões de organização contínua. Desta maneira, compreender a interdependência das partes de um sistema que é plástico e flexível, é tentar identificar o padrão que as conecta, os princípios básicos de organização, dentro de um processo dinâmico. As qualidades dos Sistemas Vivos, para o autor, então, seriam:

Auto-organização – determinada pela espécie – genótipo, onde sua ordem de Estrutura e Função não é imposta pelo meio ambiente e, sim, guiada pelos princípios internos de organização. Os principais fenômenos dinâmicos da auto-organização são a *auto-renovação*, que significa a capacidade de reciclar continuamente seus componentes, sem perder a noção de identidade do sistema; a *auto-transcendência*, a capacidade de criação de Novas Formas a partir das combinações possíveis que transcendem as próprias fronteiras físicas e mentais; a *estabilidade dinâmica*, característica de sistemas abertos, sendo a capacidade de manter a globalização do sistema em constante modificação, movimento contínuo entre equilíbrios e desequilíbrios. Tal estado de contínua flutuação é chamado de

homeostase, estado de equilíbrio dinâmico. Em Sistemas Vivos, existem mecanismos reguladores que permitem esta homeostase, os quais se dão por realimentação negativa (negative feedback), onde o organismo tende a voltar ao seu estado original frente uma dada perturbação, reduzindo qualquer desvio do estado de equilíbrio e realimentação positiva (positive feedback), que consiste na ampliação de certos desvios, em vez de os amortecer. Esses mecanismos tem um papel importantíssimo nos processos de desenvolvimento, aprendizagem e evolução. Desta maneira, *a capacidade de adaptação a um meio ambiente variável é uma característica essencial dos organismos vivos e dos sistemas sociais* (Capra,1982, p.266).

Para corroborar esta idéia, Piaget, biólogo como primeira formação (1896-1980), segundo Wechsler (1998) já afirmava que a inteligência é a forma mais evoluída que a adaptação biológica assumiu no desenvolvimento das espécies e que ela – a inteligência- pode ser compreendida pelo duplo vértice, quer de adaptação, quando se olha da perspectiva externa, quer da organização – auto-organização – quando se toma a perspectiva interna. Estes aspectos indissociáveis acompanham a aquisição do conhecimento, a qual é garantida por um processo denominado de *equilíbrio majorante* (p.58), um sistema de auto-regulações, por feedbacks positivos e negativos, tal qual Capra nos coloca, integrando, seg. Piaget, a maturação nervosa, a experiência com os objetos e a experiência social.

Aqui cabe citar Bateson (1904-1980), que segundo Capra (1982), traz uma concepção de mente que aponta para uma conseqüência necessária e inevitável de uma certa complexidade que se inicia muito antes dos organismos desenvolverem um cérebro ou sistema nervoso superior. Parece muito similar ao que falávamos sobre a concepção de inteligência que Piaget nos deixou. Bateson também foi biólogo, além de antropólogo, e nos brindou com a concepção de que a mente, sendo um sistema auto-organizador, é característica de organismos vivos e o fato do mundo vivo estar organizado em estruturas de múltiplos níveis, significa que existam diferentes níveis de mente. *“Deus não é criador, mas a mente do universo...representa a dinâmica auto-organizadora do cosmo inteiro”* (p. 285). Bateson (1986) ainda acrescenta que o mundo é ligado em seus aspectos mentais e que para apreendê-lo é necessário identificar o padrão que conecta, ou melhor o Metapadrão – o padrão dos padrões, o qual somente ganha sentido dentro de um contexto, desenhando, então, significados: temporal define a função que ocupa e espacial, o lugar ocupado. Parece que o que Bateson tem por finalidade é o resgate do senso de Unidade da Biosfera e da Humanidade, a qual aponta para a afirmação da importância do exercício estético, aqui entendido como a sensibilidade para capturar o metapadrão.

Mas, retornando para o nosso tema em questão – a visão sistêmica da vida - é importante salientar que a integração entre visão orgânica, holística e ecológica que caracteriza o novo paradigma, implica em poder olhar o fenômeno segundo suas conexões intra e inter campos e aí, novamente uma diferença básica entre o pensamento cartesiano, o qual desmembrava o Ser Humano em matéria e razão e, deixava, ainda, de lado o mote espiritual, tão caracterizador do pensamento da Idade Média, o qual dominava e aprisionava a ciência, naquele contexto. Desta maneira, se voltarmos para o Ser Humano, portador de consciência e compreendermos o significado de com-ciência, dessa perspectiva sistêmica, poderemos integrar, novamente, mente, corpo e espiritualidade:

“ a maioria da teorias acerca da natureza da consciência parecem ser variações em torno de duas concepções opostas que podem, não obstante, ser complementares e se reconciliar na abordagem sistêmica. Uma dessas concepções pode ser chamada de concepção científica ocidental. Considera a matéria primária e a consciência uma propriedade de complexos modelos materiais que surge num certo estágio da evolução biológica. A maioria dos neurocientistas subscreve hoje esse ponto de vista. A outra concepção da consciência pode ser chamada de visão mística, uma vez que está geralmente assentada em tradições místicas. Considera a consciência a realidade primária e a base de todo o ser. Em sua mais pura forma, a consciência, de acordo com essa visão, é imaterial, informe e vazia de

conteúdo; freqüentemente ela é descrita como “ consciência pura” , “realidade última”,estas manifestações de consciência pura está associada ao Divino em muitas tradições espirituais. Afirma-se que é a essência do universo e que se manifesta em todas as coisas; todas as formas de matéria e todos os seres vivos são vistos como modelos da consciência divina.....são alcançadas através da meditação, podem ocorrer espontaneamente no processo de criação artística e em vários outros contextos Os modernos psicólogos passaram a chamar de “transpessoais” as experiências incomuns dessa espécie porque parecem permitir à mente individual estabelecer contato com modelos mentais coletivos e até cósmicos...não obstante a concepção sistêmica de mente parece perfeitamente compatível com as concepções científica da mente e mística da consciência e fornece, portanto, a estrutura ideal para unificar as duas”. (Capra, 1982 p. 290-291)

Segundo Kuhn (1977), apud Nichols & Schwartz (1998) a História da Ciência ilustra a evolução dos diversos paradigmas norteadores utilizados nas diversas áreas, iniciando com o que ele denominou como período pré-paradigmático, durante o qual os profissionais ainda são divididos entre as diversas escolas rivais e finalizando com o período pós-paradigmático, onde há a dominação de uma escola numa determinada disciplina. Nichols & Schwartz (1998) afirmam que a área da psicoterapia, ainda não é uma área que alcançou um consenso no que diz respeito aos diversos paradigmas que as norteiam, estando, ainda na fase pré-paradigmática ou pré-consensual, quer por ser um campo de pesquisa ainda novo, quer pela complexidade dos fenômenos com os quais as teorias da psicoterapia tentam lidar.

De qualquer maneira, em torno dessa visão sistêmica da vida, muitos autores vem se reunindo para desenhar modos de tratamento para indivíduos, famílias e outros grupos e, nesse sentido, re-criam a teoria, direcionando-a para finalidades específicas. Nosso mote, a seguir, será resumir a trajetória da terapia familiar sistêmica, até chegar numa visão construtivista.

2. Terapia Familiar Sistêmica -- da Cibernética de 1ª. Ordem ao Construtivismo: alargamento no campo de visão e atuação do terapeuta familiar:

Contar a trajetória da terapia familiar sistêmica é, de alguma forma, pontuar que as idéias sobre a visão sistêmica da vida não conseguiram influenciar a terapia familiar do mesmo modo, linearmente, durante os diversos anos, desde a década de 50, quando os primeiros terapeutas familiares representaram o movimento contra os princípios estabelecidos no campo da saúde mental, concentrando-se, principalmente, nos contextos externos em detrimento à exclusividade da ênfase nos fenômenos intra-psíquicos e das explicações históricas, caracterizada por fase essencialista, seg. Schwartz et alii (2000). A segunda fase denominada por estágio transicional, onde as idéias passam a se sedimentar, ampliando seu corpo teórico e questionamentos do modelo anterior, existindo, assim, a polarização entre os diferentes modelos constituídos; por último a fase ecológica, onde a tendência é de uma integração, uma criação de uma nova forma que dê conta de incorporar abordagens divergentes, criando, assim, um metamodelo, um metapadrão.

A criação da Terapia Familiar orientada pela Cibernética de 1ª. ordem teve dois momentos: o primeiro, denominado por 1ª Cibernética, foi o início da influência da visão sistêmica da vida e seus expoentes foram o grupo de Palo Alto (Califórnia, EUA): Virgínia Satir, Wadislavsky entre outros. A ênfase no comunicacional inaugurava a importância de se observar o sistema de comunicação entre os elementos da família e a correção dos “erros” detectados apoiava-se no princípio da transformação por “feedbacks” negativos⁴. O terapeuta fazia o papel de observador participante. O segundo momento foi a 2ª Cibernética, onde a ênfase estava na transformação estrutural do sistema e, portanto, na correção

⁴ A correção do erro por “feedback” negativo implica em se absorver o erro ao sistema, sem transformar a forma, a organização do sistema; já por “feedback” positivo implica em transformação da organização disfuncional, da estrutura antiga do sistema.

do “erro” por “feedbacks” positivos e negativos. Os expoentes foram: Minuchin, Ackerman, Jay Haley e sua escola estratégica. O terapeuta ainda fazia o papel de observador participante do sistema. Desta maneira, a postura do terapeuta, nestes dois momentos da Cibernética de 1ª. Ordem, era mais diretiva, atualizando a existência de uma verdade à priori.

A passagem da Cibernética de 1ª. Ordem para a Cibernética de 2ª. Ordem implicou numa mudança de paradigma e a transição foi representada pelo grupo de terapeutas que compunham a denominada Escola de Milão ou Escola Sistêmica, influenciada pela escola estratégica de Jay Haley. Os seus expoentes foram: Mara Selvini Palazzoli; Juliana Prata; Ceccim; Bôscolo entre outros. Esta Escola foi considerada uma transição na mudança de paradigma pois, embora o terapeuta ainda fosse um observador participante, ele, ao trabalhar com paradoxos e contraparádicos, iniciou questionamentos a respeito das verdades que orientavam o sistema.

A mudança de paradigma que sustentou esta passagem inaugura um alargamento no campo de visão da realidade, visto que a crença se desloca de uma realidade apreendida pelo terapeuta e os erros detectados por ele para uma realidade a ser co-construída, assim uma multi-realidade. Na medida em que o terapeuta faz parte da circularidade do sistema não pode existir uma verdade objetiva e o sistema não é definido pelo problema, mas sim o problema é que define o sistema, ou seja o problema é a própria história contada e, neste sentido, as relações constitutivas são construídas através da linguagem. O papel do terapeuta muda de observador participante que detecta o sintoma e corrige o erro para aquele que pode ser facilitador e co-responsável na construção de uma realidade que compreende o sintoma como uma disfunção que todos os participantes do sistema tem uma co-responsabilidade, uma vez que o importante é como os elementos do sistema se relacionam com o problema via a linguagem, expressão do pensamento, portanto dos símbolos, dos signos, das crenças, das prioridades. Este são os princípios gerais do Construtivismo, outra denominação para Cibernética de 2ª.Ordem, onde o que norteia o fenômeno do conhecer é a interdependência entre sujeito do conhecimento e realidade a ser construída, apontando para uma co-construção da realidade pelos sujeitos. Seus expoentes foram: Michel White; Gulhieham; Tom Andersen; Karl Tomm; Andolph; Carlos Slusky, entre outros.

Falar em mudança de paradigma, nesta passagem da Cibernética de 1ª. Ordem para a de 2ª. Ordem ou Construtivismo é também poder pensar nas contribuições de Maturana e Morin que também fundamentam este novo modo de concepção de construção da realidade, além de Piaget, que já falava sobre isto em seus escritos datados em 1977⁵. Maturana, doutor em biologia, chileno (1928- hoje) traduz uma epistemologia que aponta para as questões sobre as bases biológicas do conhecimento e a importância da linguagem como tradutora dos símbolos e signos da família. Para abordar a questão das bases biológicas do conhecimento, segundo Maturana, recortarei dois conceitos que me parecem fundantes: o de estrutura e o de organização. Seg. o autor (1998) a realidade não é cópia fiel do exterior pois tem elementos próprios do sujeito, seus componentes constitutivos. Desta maneira, da perspectiva do sujeito, a estrutura são os componentes e suas relações (é dinâmica) e a organização é a maneira particular, o arranjo singular entre os componentes constitutivos do sistema, ou seja o padrão, a forma que se repete e que dá identidade ao sistema (indivíduo). A pesquisa e compreensão dos universos intra-psíquico, expressão maior do indivíduo e inter-psíquico, foco maior no relacional, são de fundamental importância para o terapeuta Familiar Sistêmico que, numa abordagem construtivista, tem a linguagem em estreita conexão com o pensamento, os símbolos, signos e valores. Poderíamos dizer que Maturana referendaria a idéia da linguagem ser a expressão da organização interna do sistema e também reveladora da estrutura que o sustenta. Concepção parecida com a idéia de Piaget, uma vez que para ele (Piaget) a linguagem é filha do pensamento e, neste sentido, traduz o nível de

⁵ *Recherches Sur L'abstraction Réfléchissante – L'abstraction des relations lógico-arithmétiques et L'abstraction de l'ordre des relations spatiales.* Presses |Universitaires de France, 1977

organização interna do mesmo, ou seja, o nível estrutural e a sua função. No entanto, outros autores, Vigotsky, por exemplo, dizem que o pensamento é filho da linguagem, o que nos conduz à pesquisa sobre a importância da linguagem (sistema social) na construção das estruturas e organização (René Van Der Veer & Jaan Valsiner, 1996). De qualquer forma, existe um paralelismo entre a linguagem e a estrutura que sustenta o nível de organização particular do sistema: ao falar se conhece o que se pensa e como se pensa e é somente assim que é possível fazer outras conexões e novos significados. O verbo é o princípio organizador da natureza.

Morin (1921 – até hoje), nasceu em Paris, e é considerado um dos maiores representantes do paradigma da complexidade, onde a questão norteadora é a possibilidade de compreensão da realidade sem fragmentações, religando o que o pensamento cartesiano separou, uma vez que *complexus* significa “o que é tecido junto”. O pensamento complexo é aquele que se esforça para unir, não na confusão, mas operando diferenciações. Morin partiu da Teoria Geral dos Sistemas de autoria de Bertalanffy, o qual introduziu o princípio do holismo, da totalidade, em oposição ao paradigma reducionista que procurava explicação ao nível dos elementos ou partes; define sistema como um conjunto de inter-relações mútuas (Bertalanffy, 1956). Morin amplia o conceito de Sistema partindo das idéias de Pascal, o qual considerava impossível conhecer as partes sem conhecer o todo e vice-versa; e das idéias de Saussure, o qual conceituava sistema como uma totalidade organizada, constituída de elementos que se definem em função do lugar que ocupam dentro da totalidade. Desta maneira, a ampliação que Morin fez na conceituação de sistema pode ser assim definida: “*unidade global organizada de inter-relações entre elementos*”. Para Morin, o Sistema é uma unidade complexa, onde o conjunto é, ao mesmo tempo, uno e homogêneo, sob o ângulo do todo; diverso e heterogêneo, sob o ângulo das partes; é complementar e antagônico. O pensamento complexo nasce da Teoria geral dos Sistemas, teoria do Caos, Termodinâmica e Cibernética. Os princípios da complexidade podem ser assim descritos: 1- Princípio dialógico, o qual permite-nos manter a dualidade no seio da unidade, associando dois termos complementares e antagônicos; 2-Princípio Recursivo: é um processo em que os produtos e efeitos são, ao mesmo tempo, causas e produtores daquilo que os produziu; 3- Princípio hologramático: a parte está no todo e o todo está na parte, como os hologramas. 4- Princípio da auto-eco-organização, que integra a autonomia e a dependência, a autopoiese (auto-criação) e a influência do ambiente na transformação (Morin, 1982, 1999).

Desta maneira, a postura construtivista de um terapeuta familiar está embasada por este paradigma da complexidade e junto à família ele vai co-construindo os diversos sentidos que as relações intra e inter psíquicas vão tecendo, facilitando a re-construção dos significados e, desta maneira, co-criando novas formas de relação e funcionamento familiar.

As contribuições importantes de Michel White, Karl Tomm e Tom Andersen parece-nos filiadas a esta linha de raciocínio. De Michel White, a idéia da externalização do problema, a qual nos ajuda no mapeamento sobre como o problema influencia as pessoas e suas relações, facilitando o desenho da estrutura e a organização particular do sistema, por meio de perguntas; de Karl Tomm, as questões lineares, circulares, estratégicas e reflexivas, que nos orientam sobre a referida estrutura do sistema e sua organização particular; de Tom Andersen, a idéia da Equipe Reflexiva, a qual abre perspectivas para o sistema sobre o reconhecimento do seu próprio modo de funcionamento e outras possibilidades. Grandesso (2000) nos brinda com uma brilhante obra, na qual faz uma análise epistemológica e hermenêutica da prática clínica, enfocando a re-construção do significado. Nos coloca as diferenças entre Construtivismo e Construcionismo Social, nomeando-os como epistemologias pós-modernas, no entanto, também em busca da complexidade, tal qual Morin, admite a complementariedade das ênfases: no individual –construtivismo; no social – construcionismo.

3. Teoria Socionômica: as contribuições de Moreno (1889-1974) para o Pensamento Sistêmico

Socionomia tem em sua etimologia os radicais – *nomia*- que vem do grego e que significa regra, lei e o radical *socius*, emprestado do latim, significando grupo, companheiro. Dessa maneira, a finalidade da ciência socionômica, criação de Jacob Levy Moreno seria poder ler as regras, as leis que atravessam as relações inter-pessoais num determinado grupo social. Criou, então, três vertentes para dar conta desse projeto: a Sociodinâmica, ciência que se ocupa em explicitar a dinâmica das relações interpessoais, cujo método, por excelência é o Role-Playing, ou jogos de papéis; a Sociometria, ciência que tem a finalidade de desenhar a estrutura dos grupos, através da medida dos vínculos, cujo método é o Teste Sociométrico e/ou leitura sociométrica dos vínculos; e a Sociatria que se ocupa das transformações, ou seja das possibilidades de cura do grupo e/ou do indivíduo, cujos métodos são Psicodrama, Sociodrama, Psicoterapia de Grupo, Axiodrama e outros métodos contemporâneos. É na interdependência destas três ramificações que o socionomista pode apreender a estrutura, a dinâmica e propor a cura de um grupo e/ou indivíduo, cujo lugar é de um observador participante, envolvido na teia de relações desenhadas pelo grupo. Cabe ainda ressaltar que a teoria socionômica tem sua raiz no teatro, na sociologia e na psicologia. Do teatro, Moreno empresta o termo Papel e a idéia de drama que pode ser representado, no entanto, o drama e a trama constituída, da perspectiva moreniana se diferenciam do teatro formal, pois são construídos no momento, no encontro entre a platéia e os atores que, espontaneamente, criam e re-criam os textos e as performances, traduzindo sentidos coletivos e individuais. Do Teatro da Espontaneidade (Moreno, 1923), nasce a possibilidade do Teatro Terapêutico e o famoso caso “Bárbara-Jorge”, poderia ser considerado o embrião do trabalho de casal e família.

Seixas (1992), ao citar Moreno, pontua que o autor identifica três tendências ou dimensões no universo social, denominada por Tricotomia Social, que o aproxima do pensamento sistêmico – a sociedade externa, a matriz sociométrica e a realidade social:

“ Por sociedade externa, entendo todos os grupos visíveis e tangíveis, grandes ou pequenos, oficiais ou não, de que compõe uma sociedade humana. A matriz sociométrica compreende todas as estruturas sociométricas invisíveis à observação macroscópica, mas suscetíveis de descobrir-se mediante a análise sociométrica. Enfim, entendo por realidade social, a síntese e a interpretação dinâmica das duas dimensões precedentes” (p.31). Para Moreno (1972), ainda citado por Seixas (1992) o conflito resultante das duas primeiras dimensões jamais se resolve por completo, pois existe a luta dinâmica entre as forças subterrâneas dos vínculos que formam as estruturas sociométricas invisíveis e a realidade externa que se opõe a qualquer transformação. Essas estruturas sociométricas podem ser assim classificadas por: átomo social, a molécula, o socióide, o classóide e as redes sociais⁶. Esta leitura da realidade em níveis e em eterno dinamismo se aproxima da visão sistêmica de vida e as redes sociais é um conceito que agora começa a ser veiculado entre os terapeutas familiares.

Dos princípios descritos sobre o pensamento sistêmico o que poderíamos recortar aqui para pontuarmos suas similaridades com as contribuições Morenianas seria a tendência de se viver o fenômeno segundo as múltiplas perspectivas, uma vez que para Moreno o desenvolvimento do indivíduo ou grupo aponta para a possibilidade de Inversão de Papéis, que seria a possibilidade recíproca de se colocar no lugar do outro, num determinado contexto, num determinado momento (Moreno, 1946). Esta possibilidade se funda, ainda, na concepção moreniana de Homem em relação, com seus conceitos fundantes de espontaneidade/criatividade e tele; na concepção de sua Teoria de Desenvolvimento (Matriz de identidade) e de sua Teoria de Personalidade (Teoria de Papéis).

⁶ Por *Átomo Social* entendemos a menor unidade social que se forma ao redor do indivíduo, portanto os vínculos mais significativos, num determinado momento; Por *molécula* compreendemos um conjunto de átomos sociais; Por *socióide*, entendemos uma aglomeração de moléculas ligadas à outras aglomerações, por meio de redes; Por *classóides*, compreendemos a interpenetração de diversos socióides. As redes sociais fazem a interligação dos socióides e classóides (Seixas, 1992).

Optamos por não explicitar os referidos conceitos aqui por acreditarmos que estes já estão plenamente apreendidos entre nós psicodramatistas.

O que vale pontuar é que o Homem em relação vai construindo sua saúde e ou doença num grupo, sendo o primeiro grupo que o recebe é a família, com suas formas e padrões de relações constitutivos, suas crenças e valores. Ao entrar nesta família, o bebê também a transforma e juntos vão construindo novas formas de relações e/ou repetindo as velhas. Moreno (1946) chama esta primeira aprendizagem emocional de Matriz de Identidade, a placenta social que recebe a criança. Esta Matriz tem a finalidade de ajudar com que a criança consiga Inverter Papéis, ou seja sair do seu egocentrismo intelectual, afetivo e social, descentrando-se, para poder experimentar a perspectiva do Outro, deixando com que este outro também viva a sua perspectiva.

Para tal desenvolvimento, Wechsler (1997, 1998, 1999) nos brinda com o conceito Matriz de Identidade numa perspectiva Construtivista - *locus* de construção de conhecimento, onde nos coloca que tudo que se constrói num determinado nível de desenvolvimento é re-construído num nível posterior, alargando-se as formas e re-organizando-se os conteúdos. Assim, o nível do sensorio motor (0-2 anos) onde as formas e padrões de relações possíveis são a indiferenciação, simbiose e reconhecimento do eu e do tu, da perspectiva sensorial, ou seja – corpo, casa das emoções podendo ser expressas pelos papéis psicossomáticos (Matriz de Identidade Indiferenciada e Diferenciada para Moreno), é reconstituído num nível simbólico, vias os papéis psicodramáticos (papéis imaginários, o faz de conta) e papéis sociais (apreendidos culturalmente), momento nomeado, por Moreno de Matriz da Brecha Fantasia e Realidade. Este momento é a partir dos 2 anos e marcado por períodos específicos: de 2+-6 anos, a criança, no auge da fantasia, lança mão, portanto, dos papéis imaginários, se re-constrói e, ao mesmo tempo, o universo que a cerca atualizando relações de corredor, triangulação, pré-inversão, a serviço de sua primeira descentração do pensamento e afeto ao nível do simbólico, que culminará no momento seguinte. A partir dos 7 até os 11 anos, esta criança já consegue Inverter Papéis propriamente ditos, pois alcançou seu primeiro equilíbrio ao nível do pensamento e sua primeira forma de identidade estável, com a atualização da necessidade lógica, por um lado e da socialização, por outro, construindo, para tal a estrutura de reversibilidade que ancora tais transformações.⁷ No entanto, ainda o virtual está subordinado ao real, que se expressa pela primeira articulação entre papéis psicossomáticos, imaginários e sociais. Dos 11 aos 15 anos, época do início da puberdade e adolescência, outra re-construção é realizada, possibilitando ao adolescente se firmar no mundo das possibilidades virtuais, onde o real se subordina ao virtual, alargando a complexidade estrutural, inaugurando a fusão das lógicas das Classes (Inversão) e Relações (Recíproca), até então separadas pelo pensamento concreto, e re-organizando os conteúdos. Esta re-organização estrutural é a última que o desenvolvimento desenha, no entanto os conteúdos se re-organizarão a vida inteira, permitindo novos arranjos e novos sentidos, expressados por novas articulações entre os papéis psicossomáticos, imaginários e sociais.

Assim, conceber um grupo e/ou um indivíduo como um sistema vivo, que se auto-regula, é viver com ele(s) as especificidades de suas próprias regulações, identificando padrões que conectam os indivíduos (intra e inter-psíquicos), um metapadrão que leve em conta o contexto e, sobretudo, facilitando a co-criação de outras possibilidades de existência, de relação. Cunhar novos registros, diferentemente daqueles primeiros vivenciados na Matriz de Identidade. Ora, é poder atualizar, pela experiência, a leitura sociodinâmica, sociométrica e sociátrica. Moreno, embora não identificado com os autores sistêmicos, mesmo porque seu pensamento é anterior ao nascimento da teoria sistêmica, já

⁷ Para Piaget, seg. Wechsler (1998), “*nesse momento qualquer ação mental da criança traduz uma operação, porque a criança já tem capacidade de anular em pensamento uma transformação percebida no mundo físico e inter-individual por meio de uma ação orientada no sentido inverso (A-A=0) ou compensada por uma ação recíproca (A corresponde a B e reciprocamente)...qualquer transformação operatória necessita de uma invariante, denominada esquema de conservação*” (p. 72).

tinha em seu corpo teórico-metodológico e, sobretudo, em seu pressuposto de Homem – homem em relação – o germe do pensamento sistêmico.

4. Os Jogos Psicóticos na Família, seu lugar na Teoria Sistêmica e Parte Psicótica da Personalidade segundo Bion:

Mara Selvini Palazzoli, Stefano Cirillo, Matteo Selvini e Anna Maria Sorrentino contribuíram muito para o estudo dos Jogos Psicóticos na Família, nos brindando com a publicação de seu livro do mesmo nome, em 1998. A trajetória de Mara Selvini nos conta o desenvolvimento de seus trabalhos e idéias neste campo, uma vez que já era expoente da passagem da Cibernética da 1ª. Ordem para a de 2ª. Ordem, pertencente ao grupo da Escola de Milão ou Escola Sistêmica, a qual atualizou a mudança de paradigma, já influenciada pela Escola estratégica de Jay Haley.

“Já em 1972, querendo deixar para trás o modo de pensar psicanalítico para aprender a pensar de modo sistêmico, tivemos de recorrer a artifícios...para aprender a desviar a nossa atenção das causas de um fenômeno para seus efeitos pragmáticos...Depois de alguns anos, porém, percebemos termos trocado um reducionismo pelo outro. Saímos de um reducionismo psicanalítico, que desligava o indivíduo das suas interações, para cair no holístico, que desligava o sistema(família) de seus membros individuais componentes” (Palazzoli et alii, 1998, p. 304)

Dessa maneira, a idéia que nascera precisava compor as articulações entre a dimensão do sujeito, as diferentes reações dos indivíduos frente a uma mesma série de prescrições e a dimensão tempo, a qual está na base de fenômenos como a seqüência, o processo. Daí nasceu a necessidade de se dar uma justificativa epistemológica para este pensar e operar, a qual se fundamentou em Edgar Morin, com suas idéias de um pensar complexo – pensamento multidimensional. Dessa perspectiva, os novos princípios norteadores:

- Insuficiência do princípio da universalidade. Necessidade do princípio complementar – inteligibilidade, a partir do particular e do singular: ao invés do *“verbo compreender, a expressão tornar inteligível”*.... *O que nos permite concluir como a natureza e os limites de nossa inteligência nos obrigam a seguir o progresso do conhecimento com um percurso em espiral que faça continuamente dialogar aquilo que parece válido de forma geral com aquilo que é tópico e peculiar.”* (Palazzoli et alii, 1998, p. 306);
- Necessidade de se visualizar o percurso histórico do processo, fazendo intervir nas descrições e explicações tanto a história como os acontecimentos aleatórios;
- Necessidade de articular, de *linkar* o conhecimento dos elementos, da partes, ao todo - ao dos conjuntos que estes constituem: *“Trata-se de ver as relações (o jogo familiar)” como “ reguladoras” das estruturas intrapsíquicas individuais, no sentido de que elas selecionam o aparecimento de determinadas qualidades (por ex. psicóticas), em detrimento de outras qualidades que permanecem em estado potencial (submerso). Nossa esquematização deseja partir do jogo para chegar ao indivíduo e, em seguida, retornar ao jogo...o essencial do jogo (além das intenções dos jogadores) está nas inter-retroações...”* (p. 308);
- Premência de se levar em conta a questão da auto-organização sistêmica, quer da perspectiva da cooperação ou não entre os elementos do sistema, quer da perspectiva dos acontecimentos que podem mudar o curso desta auto-organização do sistema.

Palazzoli et alii (1998) ainda acrescentam a necessidade de se pensar em *“ Zigue Zague”*, o que significa poder abandonar o pensamento disjuntivo, mas poder transitar entre a lógica aristotélica - causalidade linear e a causalidade complexa, levando em conta a importância da equipe terapêutica

poder sempre refletir sobre possíveis erros de manejo e encaminhamento das sessões. Mostram a importância do Princípio de Distinção e não de Disjunção entre o sujeito e seu ambiente.

Dessa maneira, a importância de tecer articulações entre o singular, o universal, o processo, o imponderável, a auto-organização sistêmica, faz nascer a idéia da interdependência entre o intrapsíquico e o interpessoal - jogos relacionais e, mais particularmente, a idéia de jogos psicóticos, quando se trata de articulações de ordem primitiva em termos de desenvolvimento psíquico.

Para nosso atual trabalho cabe-nos conceituar o que entendemos por Psicose. Segundo a Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10 (1993), Transtornos Psicóticos Agudos e Transitórios (F23) estão classificados no Bloco F20-F29, denominado de Esquizofrenia, transtornos esquizotípico e delirantes. São transtornos que por ainda não se ter uma informação clínica sistemática, não se conseguiu uma orientação definitiva na classificação. Desta maneira, a ordem de prioridade dada aos aspectos-chave selecionados do transtorno é o que pode ajudar no diagnóstico. São eles: início agudo; a presença de síndromes típicas; a presença de estresse agudo associado.

No entanto, para nós o importante é conceituarmos parte psicótica da personalidade, ao invés de transtornos psicóticos, uma vez que pudemos perceber no processo de terapia familiar aqui apresentado, a atualização das mesmas e não da Psicose propriamente dita. Para tal, lançaremos mão do referencial da teoria Bioniana de Personalidade e do como Moreno também compreendia esta temática.

Para Bion (1967) existe diferença entre psicótico em si e funcionamento psicótico: *“...personalidade psicótica, expressão que nomeia e ressalta uma determinada modalidade de funcionamento mental e é equivalente, em Bion, a “parte psicótica da personalidade” ...analogamente, “bebê psicótico” pode ser ou não um bebê diagnosticável como psicótico; o termo designa um determinado aspecto funcional da psique de um bebê...o termo é sinônimo de “ parte psicótica do bebê” (p. 60 - N.T.)* Assim, cabe-nos, conceituar que o aparelho do pensar é constituído pela possibilidade de simbolizar as emoções - nomear o que há de comum, de singular, etc...E que o funcionamento mental primitivo – psicótico é aquele onde estas emoções não podem ser simbolizadas, uma vez que os mecanismos de defesa que imperam são os de cisão do objeto, através da identificação projetiva e, não os da repressão, via a projeção e introjeção. Dessa maneira, Bion se preocupou em estudar a gênese da construção do conhecimento, a articulação entre a gênese do pensamento e a das emoções, e, para tal, identifica fatores e funções. A Função alfa, que seria a capacidade de revêrie materna, ou seja, a capacidade da mãe de sintonizar com as necessidades do bebê (a tele do ego auxiliar – mãe- para Moreno, no momento da indiferenciação e simbiose na Matriz de Identidade), é a que possibilita a passagem do modo de funcionamento cindido para a integração, além do próprio material genético singular. Com esta revêrie materna, o bebê conseguirá simbolizar as emoções, ou seja os elementos beta das experiências emocionais se transformarão em elementos alfa e, então, passíveis de serem simbolizados. Assim, O aparelho mental é auto-poiético, ou seja auto-criador, pois pensar os pensamentos forma a estrutura do aparelho de pensar e esta que ancora os próprios pensamentos (recursividade). O pensamento complexo é aquele que permite a construção de sentidos pela experiência emocional e é fruto de fatores e funções:

“Função” é o nome da atividade mental peculiar a certos fatores que atuam em conjunto. “Fator” é o nome da atividade mental que atua em conjunto com outras atividades mentais para constituírem a função. Os fatores se deduzem da observação das funções de que eles em conjunto são parte”(Bion, 1962, p.18/19).

Desta forma, o fator pode se assemelhar à estrutura de conjunto e a função à própria organização singular. Isto nos remete à Organização do ser vivo para Maturana (1926), o qual já nos anunciava a sua organização auto-poiética, pontuando que a Organização é a configuração de relações

dentro do sistema, o que constitui a identidade, o que é invariante, o padrão que conecta, o que pode ser observável; e a Estrutura os componentes do sistema e suas relações.

Parece-nos evidente que a parte psicótica da personalidade, inerente a qualquer Ser Humano, necessita de um continente fora, portanto um jogo relacional apropriado para ser elaborada, pensada e, então, seus conteúdos integrados. Poderíamos acrescentar que um lócus fértil de relações interpessoais que engendre *tele*, uma matriz de construção de conhecimento que dê conta da integração da parte psicótica à personalidade, é de fundamental importância para se construir sujeitos saudáveis. Seria tendencioso, à priori diagnosticar um paciente identificado de psicótico sem conhecer os jogos relacionais constituintes das redes familiares. No entanto, a articulação entre as configurações intrapsíquicas e inter-psíquicas devem ser cuidadosamente estudadas.

III-METODOLOGIA:

1. Procedimento do trabalho:

1.1. Dos sujeitos:

A família se constituía por: mãe, aqui denominada NEL, de 37 anos, separada, formada no ensino médio e cursando técnico em Podologia, no SENAC; pelo filho mais velho, paciente identificado, aqui denominado LUI, de 21 anos, formado no ensino médio; pela filha do meio, aqui denominada FLA, de 20 anos, cursando o 3º. ano do ensino médio e pelo filho mais novo, aqui denominado FER, de 17 anos, cursando o 1º. ano do ensino médio. A mãe casou-se com 16 anos, grávida de LUI, tinha um padrasto alcoólatra que batia na sua mãe que já era separada do seu pai. Vieram da Bahia. Teve que esconder a gravidez da mãe, quando teve seu filho – LUI – a qual demorou para ir vê-los, demonstrando o descontentamento com a situação. NEL, a mãe de LUI, separou-se do seu marido também por motivos dele ser alcoólatra e violento. NEL ainda conta que tem um namorado – WAL- e que este também bebe, formado em técnico de oftalmologia, profissão ainda não regulamentada.

1.2 Das sessões:

Foram realizadas 30 sessões com a família, iniciando em agosto de 2002, perdurando o processo até dezembro de 2003, quinzenalmente, nas dependências do PRODAE, Departamento de Psiquiatria da UNIFESP – Escola Paulista de Medicina, sede do Curso de Terapia Familiar em Hospital. As sessões contaram com uma hora de duração.

2. O tripé que embasa a prática socionômica-sistêmica:

Utilizamos como referencial que embasou o encaminhamento de nossas sessões, o tripé que atravessa qualquer método socionômico, aqui entendidos como possibilidades de encaminhamento sistêmico. Assim, ele é composto, segundo Gonçalves et alii (1988) pelos *contextos, instrumentos e etapas*. Não iremos conceituá-lo neste artigo, entendendo que os psicodramatistas leitores já apreenderam estes conceitos, no entanto, iremos enumerá-los, acrescentando aos instrumentos comuns que norteiam uma sessão sociopsicodramática, a *Equipe Reflexiva*, conceituando-a, por se tratar de um procedimento da teoria sistêmica:

2.1. Dos Contextos:

Social; Grupal; Dramático.

2.2. Dos Instrumentos:

Cenário; Protagonista; Diretor; Ego-Auxiliar; Público (platéia); Equipe Reflexiva: Não é um instrumento pertencente ao corpo teórico-metodológico socionômico, no entanto, como estamos propondo uma metodologia articulada entre este e o referencial sistêmico, uma vez que Moreno, mesmo não sendo referendado como sistêmico, continha em seu pensamento o germe dessa forma de apreender os fenômenos, aqui a colocamos como o 6º. instrumento que orientou nossa prática. Dessa forma, este termo e idéia cunhado por Tom Andersen traduz a possibilidade de um conjunto de terapeutas que observam a sessão atrás do espelho, compartilhar, no final da sessão, suas ressonâncias, atuando como o coro do teatro grego, do qual originou todo o escopo teórico-metodológico da ciência

socionômica (vulgo Psicodrama). No prólogo do livro de Andersen (1994), Lynn Hoffman nos coloca: “...la invitación a cambiar de roles es algo que modifica de manera drástica la posición de la familia con respecto a los profesionales que han venido consultar...o concepto del grupo reflexivo es algo similar. Las familias no sólo lo experimentan como algo que les da poder, sino que parecen fascinadas por el proceso de escuchar las conversaciones de los profesionales acerca de ellos...Sus comentarios en general ofrecen nuevas opciones y descripciones más que ideas sobre lo que está mal...equipo reflexivo era extremadamente útil para darle a la gente la libertad de aceptar, o rechazar un pensamiento o una idea, o incluso la libertad para escucharla...Comienza a surgir la capacidad para la metáfora, la poesía y el ingenio, y el grupo se ve a menudo sorprendido por la magnitud de su propia imaginación...” (p.11-13).

No mesmo livro, no prefácio, Jurgen Hargens, nos acrescenta: “...La Idea del grupo reflexivo ha sido a veces interpretada como um ‘método’, pero Tom Andersen deja muy en claro que es una forma de pensar que inevitablemente lleva a su tipo de práctica, es decir es sólo una manera de poner ideas sistémicas en acción...” (p.21) Aqui cabe ressaltarmos que acreditamos que um método, enquanto um caminho, só pode ser uma decorrência prática das idéias teóricas das quais ele faz parte.

2.3. Das Etapas:

Aquecimento;Dramatização: Compartilhar.

3. As técnicas básicas de Moreno utilizadas:

Duplo;Espelho;Tomada de Papel;Inversão de Papel.

4.As técnicas de Karl Tomm:

O estudo das diferentes concepções que norteiam as perguntas terapêuticas nasce da constatação que, da perspectiva do observador, as psicoterapias são essencialmente conversações, no entanto se organizam de forma tal que pretendem aliviar o sofrimento daqueles que as procuram, promovendo a cura (Tomm, 1988). Ainda, segundo o autor, existem conversações mais fundamentadas em afirmações, colocações e outras mais em perguntas. É imprescindível que se conecte às conversações a intencionalidade do terapeuta e suas suposições. Dessa forma, cria 4 tipos de questões, definindo 4 quadrantes, onde as suposições lineares e as circulares formam uma espécie de contínuo, cada qual num extremo, se visualizarmos um eixo vertical, assim como perguntas orientadoras e influenciadoras, também, formam este contínuo no eixo horizontal. Assim:

4.1 Questões Lineares: “são feitas para orientar o terapeuta sobre a situação do cliente e são baseadas em suposições lineares. A intenção...é predominantemente investigatória. O terapeuta comporta-se como um investigador ou detetive tentando deslindar um mistério complexo. As perguntas básicas são ‘Quem fez o que? Onde? Quando? Por que?’...perguntas lineares sobre problemas tendem a conduzir a atitude de julgamento...é comum que evoque vergonha, culpa...na família”...tendem a ter efeito conservador...conseqüentemente, o terapeuta fica mais sujeito a tornar-se ajuizatório...” (p. 5,8, 9);

4.2 Questões Circulares: “ também são feitas para orientar o terapeuta ...mas são baseadas em suposições circulares sobre a natureza dos fenômenos mentais. A intenção...é predominantemente exploratória. O terapeuta comporta-se mais como um explorador, pesquisador ou cientista que está prestes a fazer uma nova descoberta. As pressuposições-guia são interacionais e sistêmicas...Perguntas são feitas para aproximar os ‘padrões’que conectam pessoas, objetos, ações, percepções, idéias, eventos, crenças, contextos etc. em circuitos recorrentes ou cibernéticos...’Como é que aconteceu de nos encontrarmos juntos hoje?’ ‘quem mais se preocupa?’ ‘quem você acha que está mais preocupado, seu pai ou seu irmão?’ ‘o que seu pai faz quando você e sua mãe conversam?’...tendem a ser caracterizadas por uma curiosidade geral sobre a possível conectividade dos eventos que incluem o problema, mais do que a necessidade

específica de se saber as origens precisas do problema...têm o potencial de efeitos liberadores na família...o efeito de perguntas circulares no terapeuta é realçar a neutralidade e capacidade de aceitar o cliente e a família como eles são...” (p.5,8,9)

4.3 Questões Estratégicas: *“São feitas para influenciar a família de maneira específica, e são baseadas em suposições lineares sobre a natureza do processo terapêutico. A intenção...é predominantemente corretiva. É assumido que a interação instrutiva seja possível...’Por que você não fala com ele sobre suas preocupações ao invés de, com as crianças?’’O que aconteceria se na próxima semana, todo dia às 8 da manhã você sugerisse que ele tomasse alguma responsabilidade?’...elas tendem a ter um efeito constrangedor sobre a família...por outro lado perguntas estratégicas ocasionais podem por vezes ser extremamente construtivas no processo terapêutico...o efeito das perguntas estratégicas no terapeuta é que elas tendem a leva-lo em direção a uma postura oposicionista com a família...” (p. 6,9)*

4.4. Questões Reflexivas: *“Pretendem influenciar a família de forma indireta ou geral, e são baseadas em suposições circulares sobre a natureza do processo que está ocorrendo no sistema terapêutico. A intenção é predominantemente facilitadora..é moderada pelo respeito à autonomia dos clientes...’Se você tivesse que compartilhar com ele o quanto preocupada tem estado e o quanto isto a derruba, o que você acha que ele poderia pensar ou fazer?’..’Se houvesse alguma questão não resolvida entre vocês dois, quem pediria desculpas primeiro?’...’Se esta depressão subitamente desaparecesse, o quanto suas vidas seriam diferentes?’...estas perguntas são mais propensas a ter um efeito generativo sobre a família...tendem a guiar o terapeuta em direção de tornar-se mais criativo nas perguntas...”(p.6,7,9).*

É importante salientarmos que os efeitos práticos acabam sendo imprevisíveis, visto que existe uma descontinuidade entre as intenções do terapeuta e os efeitos propriamente dito, uma vez que temos que considerar, da perspectiva do terapeuta, a possível diferença entre o que se pretende fazer e o que se faz, de fato, e, da perspectiva da família, também, a possível clivagem entre o que se pergunta e como isso é ouvido. O autor ainda nos coloca que os efeitos práticos também dependem da estrutura da família: *“uma pergunta estratégica pode ter um efeito regenerador em vez de constrangedor. Uma pergunta linear pode ter um efeito liberador, e uma pergunta reflexiva pode ser constrangedora”*(p.10). Disso depreendemos que, embora exista uma tendência para os efeitos descritos, o contexto no qual surgem as perguntas, a coloração afetiva pela entonação do terapeuta e as características singulares da família e do terapeuta precisam ser levados em conta. Acreditamos que a *espontaneidade* e a *criatividade* das ações terapêuticas para terem esse estatuto e, portanto serem adequadas, precisam atualizar relações que engendrem *tele*.

5. Técnica da Externalização do Problema – Michel White

O pensamento de Michel White foi influenciado, sobretudo, por Bateson, Maturana e construtivistas. Dessa forma, a pessoa e a relação em si não constituem o problema, mas sim a relação das pessoas com a situação problema é que se converte no real problema. Assim, a externalização permite a diferenciação entre as pessoas e o relato dominante, marcando que a existência dos sujeitos vai além do problema circunscrito e, dessa maneira, é possível a abertura para novos significados. As perguntas de influências relativas anima as pessoas a desenharem o mapa de influência do problema em suas vidas e nas suas relações, assim como a influência das ações das próprias pessoas no problema.

Na nossa sessão do Jogo dos Limites, somente pontuada mas não relatada neste atual trabalho, atualizou o encontro entre jogo dramático e a técnica da externalização do problema, uma vez que a família pôde conversar sobre o problema dos limites, num setting lúdico, mostrando com o corpo as aproximações e distâncias que se encontravam uns dos outros.

6. Método utilizado: Sociodrama Familiar Sistêmico

Método criado por Seixas (1992) e aqui re-colocado por fazer a ponte entre os pressupostos morenianos e os sistêmicos. O sociodrama é, por excelência um dos métodos da sociatria, vertente curativa da ciência sacionômica que trabalha com a possibilidade de subjetivação do objetivo, ao invés de somente objetivar o subjetivo, que seria o fundamento do psicodrama (Naffat, 1979). No entanto sabemos que a questão da subjetivação e da objetivação são dois lados da mesma moeda e na prática sociodramática sistêmica se persegue quer a subjetivação do objetivo, ou seja a subjetivação da relação que as pessoas tem com a situação problema, quer se objetiva o subjetivo, ou seja se externaliza o subjetivo – a influência do problema em suas vidas e nas suas relações, assim como a influência das ações das próprias pessoas no problema. Nesse sentido Seixas (1992) nos alerta:

“o objeto do sociodrama familiar sistêmico/cibernético é a família considerada um ‘sistema’, com uma tele-estrutura própria, que procura ajuda porque torna-se incapaz, devido a ‘bloqueios’, de escapar às ‘conservas culturais’. Torna-se rígida e impossibilitada de descobrir novas alternativas, que propiciem as mudanças necessárias para ser mais funcional e adequada a seus membros.

O trabalho terapêutico, consiste em criar um contexto, que facilite o veículo de novas informações. Estas devem ser trocadas em conjunto, preferencialmente, na dramatização. A presença de todos os membros da família na sessão garante multivisões da ‘realidade do sistema’, ou seja, facilita a percepção de histórias subjacentes à sua ‘história oficial’. Estas multivisões devem ser igualmente validadas pelo terapeuta, como possíveis visões da realidade” (p. 135).

Cabe ressaltarmos que nem todas as sessões aqui apresentadas atualizaram dramatizações, no entanto, todas foram orientadas pelos pressupostos que orientam a prática sacionômica-sistêmica, já, primeiramente, sistematizada por Seixas.

IV- RESULTADOS:

Para nossa finalidade, vamos apresentar a trajetória desse processo terapêutico em três grandes blocos, de acordo com as temáticas e conquistas desenvolvidas ao longo dos três semestres de trabalho conjunto, dando visibilidade a partir de alguns recortes:

- **1º semestre (agosto-dezembro/2002): da 1ª sessão a 9ª sessão:**

O Re-enquadramento da queixa e a questão dos limites e fronteiras entre os sub-sistemas fraternal e parental. Podemos dizer que neste início do processo não existia o sub-sistema parental, visto que a mãe NEL se comportava como uma irmã dos filhos:

Recortes da 1ª sessão - todos presentes:. A queixa inicial foi a agressividade de LUI e sua imobilidade frente ao seu desenvolvimento, visto que não trabalhava, e havia terminado o Ensino Médio. A diretora pediu para que ele no papel dos componentes da família pudesse falar sobre suas qualidades e defeitos e depois no seu próprio papel pudesse falar das qualidades e defeitos dos seus irmãos e mãe:

LUI no papel de FLA, falando para ele próprio: “é carinhoso e bagunceiro”

LUI no papel de FER: “é carinhoso e chato”

LUI no papel de NEL: “é carinhoso e agressivo”

LUI diz para FLA: “é carinhosa e pega no pé”

LUI diz para NEL: “é carinhosa, atenciosa e pega no pé”

LUI diz para FER: “é carinhoso e esnobe”

- A qualidade da família foi ser carinhoso – é o valor que a família expressa, em direção ao desejo, pois o carinho em si entre os membros não pode ser atualizado, de fato, pois não existe contorno dos papéis jogados (todos parecem irmãos)

Outra temática trabalhada neste bloco de sessões apontou para “a Saga – a maldição - da família”, a qual dizia sobre a repetição de padrões geracionais:

Recortes da 3ª Sessão: Dir: “ qual a cena temida para você, mãe, o que te lembra quando chega em casa e vê o LUI sozinho deitado no sofá com o cachorro no peito assistindo T.V.?”

NEL (mãe): “lembro-me de duas coisas...tenho medo que o LUI se suicide e que fique como meu irmão que agora mora em casa desde que minha mãe morreu(1997)...ele era alcoólatra, não trabalhava e era o queridinho da mamãe...eu fazia tudo, arrumava a casa, lavava a roupa e ele não fazia nada, mas tinha tudo com a mamãe...era um parasita...Agora ele está diferente, tem hanseníase (lepra)...”

Ego-Auxiliar: “ Olha que importante esta repetição da sua vida: o seu irmão com a sua mãe e você com seu filho; seu pai e seu marido...mas, na realidade LUI trabalha muito mais que seu irmão um dia trabalhou...”

NEL: “ Lá em casa...tudo quebra, é destruído, difícil de conservar...”

Dir: “Parece uma maldição, uma saga da família...todo o clima familiar é sempre impregnado de destruição, de tristezas, de um ‘bode expiatório’ que é um sangue suga e de um outro que precisa trabalhar dobrado...”

Recortes da 7ª sessão: Discussão sobre as tarefas de casa – re-construção dos limites e dos sub-sistemas fraternal e parental: Todos presentes:

Dir: Observa os lugares dos membros da família, apontando que “na sessão anterior estava o FER sentado mais afastado e LUI, mãe e FLA juntos; hoje LUI está sozinho e do outro lado FER, mãe e FLA. Assim, por favor, vamos re-colocar estes lugares: coloquem as cadeiras de vocês, LUI, FER e FLA mais próximas e, você, NEL sente-se mais diferenciada deles, apropriando-se do seu lugar de mãe...”

NEL: “ eu tenho dificuldade, sim, de me diferenciar deles...de por limites...”

Recorte da Equipe Reflexiva: no final, houve a entrada dos terapeutas da Equipe Reflexiva:

1ª.Terapeuta: “Sabe, a flor na cabeça (NEL estava com uma flor natural na cabeça) é muito bela e me faz pensar como nesta família existe desejos de se divertir...sair...ser jovem, ainda! ”

2ª. terapeuta: “ Eu fico pensando a importância do ciclo vital nesta família...pertencer é importante, mas o tempo transforma a necessidade do peito para o bebê num trabalho para um Homem de 40 anos...Qual seria o papel de cada adulto nesta família?”

Após a Equipe Reflexiva, FLA reflete: “ como eu posso fazer para sair deste papel de mãe dos meus irmãos?”

Todos saem bastante “mexidos”, sobretudo NEL

- **2º. semestre (janeiro- junho/2003): da 10ª sessão a 19ª sessão:**

A metáfora da Casa, pelos desenhos construídos, explicitando o Jogo Relacional de aprisionamento; a necessidade de se construir pontes entre família e mundo, entre mundo interno e externo. O reconhecimento de LUI do lugar que ocupa na família e o aparecimento do seu ódio; FLA inicia um namoro e NEL termina o seu.

Recortes da 13ª sessão : Presentes: LUI, FLA, NEL:

Recorte das tematizações sobre o desenho de NEL :

Dir: “Agora que vocês fizeram os desenhos de como se vêem no mundo...vamos discutí-los...Sugiro que se escolha um desenho e que os outros possam falar suas ressonâncias, o que sentiram, pensaram, perceberam sobre o desenho escolhido e, depois, o dono do desenho pode acrescentar, corrigir, confirmar...”

O desenho de NEL foi o escolhido primeiramente.

LUI: “ é um desenho alegre, muitas cores, parece uma fazenda, é prazeroso...tem a casa, nós os filhos..., lugar bem aberto, ensolarado...”

FLA: “tem uma estrada...parece que tem alguém fechado na casa...”

NEL: “ é como a FLA falou...meu lugar é dentro da casa, o lugar deles é a busca...o desejo, o caminho colorido, alegre é só para eles...estou trancada na casa, fechada...”

Dir: “ parece muito sofrido...você aprisionada dentro da casa e imaginando uma vida lá fora para os filhos...”

...

Dir: “ Se o seu projeto de vida é a morte, o aprisionamento, em contraposição à vida que pertence a eles, vejo que não há saída...mas se pudermos construir portas, janelas e pontes então poderá existir outras possibilidades...”... Se eu fosse seus filhos eu não ia querer esta vida estragada...este é o Jogo...você morta e eles vivos, ou alguém morto para outro alguém poder viver... é preciso você ficar forte para poder viver a sua vida e eles fortes para poderem viver a vida deles...”

FLA: “ é isso mesmo...eu vejo você sempre com esta cara pesada...deprimida...Meu namorado tem uma casa na praia e ele emprestou ela pra mamãe no sábado e ela foi e voltou no domingo...nem telefonou pra dizer que tinha chegado bem...o FER bebeu sábado à noite e eu nem bombardeei a mãe quando ela chegou...”

...Recortes do Compartilhar:

NEL: “ o LUI fez uma ficha de emprego e está esperando resposta...estamos na expectativa...”

Dir: “ Puxa, é mesmo, LUI? Parabéns, mesmo que sua mãe nos tenha contado...vamos torcer pra você conseguir...”

Recortes da 16ª.sessão: Presentes: NEL, LUI e FER:

Aquecimento inespecífico: falando do outro...as emoções que surgem ao contar do seqüestro da FLA:

LUI: “a FLA foi seqüestrada, mas nada aconteceu...eu fiquei disponível pra ela falar porque imaginava que quem passa por isto precisa falar...”

NEL: “ o amigo da FLA foi buscá-la no colégio e 2 moços entraram no carro e queriam \$. Eles não tinha \$ e a FLA deu o celular...”

FER: “ se a FLA estivesse com seu ex-namorado policial poderia ter sido pior, pois, geralmente, assaltantes, não gostam de policiais...”

Dir: “FER, você conseguiu expressar afeto para FLA assim como LUI contou que expressou o dele?”

Aquecimento específico: a carta de LUI..

Fala da solidão, da angústia de não saber qual caminho a seguir, não agüenta mais fazer as tarefas do lar; fica preocupado com a FLA, que foi seqüestrada; com FER que bebe e fuma; com a mãe que está

enrolada na sua relação com WAL; pede a Deus para ajudar...diz de suas preocupações com a família e de suas raivas também...

Dir: “ *Quais as ressonâncias desta carta para vocês?*”

NEL: “ *o que mais me dói é a angústia de LUI...*”

FER: “ *todo mundo tem problemas e eu acho que LUI tem capacidade para sair desta, ele já saiu outras vezes...*”

Dir: “ *Parece que tanto você NEL, como você FER só olham a questão da doença de LUI, como se o que ele escreveu fosse, de fato, algo doente... será que a angústia sobre a solidão, qual caminho a se seguir, sobre as questões familiares não são absolutamente naturais numa fase da vida...as perguntas chaves: quem eu sou?de onde eu vim? Para onde irei? Vocês já se questionaram sobre isto?*”

NEL: “ *já...*”

FER: “ *quando eu tinha 12 anos...e minha mãe me mandou para meu pai...*”

Dir: “ *então, a fala de vocês não precisaria colocar o LUI neste lugar de anormal, doente...e eu acho que ele está absolutamente saudável, emprestando sua percepção e sensibilidade para a família...*”

NEL: “ *a questão da solidão me pega muito...eu não consigo me imaginar caminhando sozinha, pra mim é muito difícil...à noite, no final de domingo, não consigo nem fazer uma comida sozinha...o WAL...me faz tanta falta..., mas ele não assume nada...*”

LUI: “*pra mim é igual...a solidão é muito grande...a questão da ponte que a gente já falou aqui...*”

Dir: “ *parece que é muito difícil pensar na individualização, na própria cor, no próprio contorno. A solidão é sentida como avassaladora, aniquila...fica difícil construir a ponte entre esta solidão do mundo interno e as possibilidades do mundo externo...*”

Na dramatização cada um constrói imagens de como experiencia pontes com o mundo externo, colocando suas prioridades: casa, amigos, trabalho...LUI constrói uma imagem aglutinada em relação à família e ao trabalho;cinde os sentimentos “bons e maus”,sinalizando somente as coisas boas da família.

Recortes da 19ª. sessão: todos presentes.:

Aquecimento inespecífico: a briga entre LUI e NEL

LUI: “ *Eu, na 6ª.feira, estava ajudando a fazer o currículo do meu amigo e a mãe me pedia para ajudar arrumar a casa...para eu não bater na mãe, fiquei tão nervoso, que bati em mim próprio... e foi na 6ª.feira a formatura da mãe no SENAC...*”

Dir: “*Cada um poderia contar sua versão desta situação?*”

LUI: “ *a questão foi da agressão...eu não queria que tivesse acontecido...*”

NEL: “ *...a questão é do egoísmo de LUI, só pensa nele...*”

FER: “ *...ele poderia fazer o que queria – ajudar o amigo – mas no dia seguinte, no sábado, ele poderia ter ajudado a família na 6ª.feira...*”

Aquecimento específico: a explicitação dos sentimentos: o ódio de LUI..a raiva de NEL, a continência de FER e o distanciamento de FLA...

Dir: “ *o que eu percebo entre as diversas versões são os sentimentos que as atravessam...O ódio de LUI por não poder sair do papel aprisionante de ora cuidador da casa, ora bebê agressivo..a inveja*

do amigo que estava mandando um currículo para um possível trabalho...e da sua mãe que se formara..., a raiva da NEL de não ter o reconhecimento que queria do LUI no dia da sua formatura, via sua ajuda nos afazeres de casa..a continência do FER para esta cena de agressão e o distanciamento da FLA das cenas da família, parecendo que está podendo cuidar mais de si próprio, deixando para NEL o papel de mãe... O que acham...?”

Todos parecem concordar...expressões de certo alívio...fica um silêncio...

Correlato a dramatização: lembranças de cenas que viveram e depoimentos para LUI, o irmão e dos filhos para NEL, a mãe...

Dir: “ Parece que isto fez algum sentido para vocês...gostaria, então, que os irmãos pudessem dar depoimentos para LUI sobre situações que já viveram e sentiram este ódio, esta inveja...”

FLA: “ quando eu tinha 12 anos, eu cuidava da casa...do pai que era alcoólatra, de vocês todos porque a mãe ia trabalhar...e era muito duro...tinha muita raiva daquilo tudo...”

FER: “ pra mim é difícil conseguir me cuidar e, ao mesmo tempo, da família...quando aquele sábado eu queria sair pra balada e a FLA ia sair com o namorado e a mãe pediu pra mim ficar com o LUI porque ele não queria sair, eu havia convidado..., fiquei com muita raiva, ódio de todos, principalmente do LUI...mas depois eu pensei que não tinha dinheiro mesmo, eu na balada ia querer beber um pouco...então foi melhor...eu preciso trabalhar mais e guardar mais dinheiro para poder cuidar melhor de mim...”

Dir: “ NEL, olhe para estes seus filhos...o que você vê?”

NEL “chorando.....estou orgulhosa mas também angustiada...dei duro minha vida inteira, consegui fazer este curso no SENAC de podóloga, me formei mas não pude receber o diploma, o canudo como todos...porque a escola que eu fiz o curso do 2º. grau era ruim e não me deu o certificado de conclusão...na minha vida tudo é difícil...”

Dir: “ penso que seus filhos poderiam dizer para você o que sentiram vendo você se formando...”

FLA: “ queria ser determinada como a mãe...já vi muitas cenas duras que a mãe passou a vida toda e ela chegou lá...admiro a mãe...”

Dir: “ é FLA, ela é um bom modelo de determinação no trabalho, mas não no vínculo amoroso... você está fazendo o seu modelo nisto, certo?”

FLA: “ é isso...”

FER: “ fico orgulhoso da mãe, quero ter a mesma determinação que ela...”

LUI: “ também fico orgulhoso de você, mãe...”

Compartilhar: fechamento do semestre...

Dir: “ Peço que todos pensem no que ganharam no processo terapêutico até aqui e o que querem para o semestre que vem...”

NEL: “ ganhei a possibilidade de tirar meus filhos debaixo das asas...preciso olhar mais de perto minha relação afetiva com o WAL e dar um rumo para minha vida...”

LUI: “ antes eu era mais calado, mais isolado...hoje falo mais, estou mais atento, vejo que fico eufórico ou mais deprimido...quero lidar com isto melhor...”

FLA: “ aprendi a olhar mais para mim e me cuidar, não só para minha família... não quero mais ser mãe dos meus irmãos ...quero continuar a fazer isto e aprender olhar mais para o meu o meu

profissional... eu tô namorando...quero aprender a amar sem sufocar ou ser sufocada, como minha mãe sempre fez...”

FLA: FER: “ eu estou bem no trabalho, quero aprender a ser menos egoísta, só olhar para mim...quero continuar olhando para mim e para minha família...”

Equipe Reflexiva:

“ Família guerreira, lutadora...o LUI pode aprender a pertencer mais a esta família de guerreiros, podendo encontrar um lugar diferente do de menino birrento ou de cuidador...”

“ é uma família muito corajosa...estão aprendendo a sair da posição de risco...NEL querendo re-ver seu vínculo com WAL...FLA querendo dar seu tom e contorno para sua relação afetiva e ser determinada como a mãe no profissional...LUI querendo sair do lugar de sangue suga ou cuidador e encontrar sua identidade...FER querendo sair da vida de risco que envolve o álcool e sendo mais responsável consigo e com a família...”

• **3º semestre (agosto- dezembro/2003): da 20ª sessão a 30ª sessão:**

Uma nova re-organização sendo esboçada: LUI arruma um emprego; NEL volta com seu namorado WAL e os dois tentam formar uma nova configuração familiar; estratégias de trabalho com os sub-sistemas: NEL-WAL; LUI-FAV-FER; Todos .

Recortes da 20ª sessão: todos presentes, LUI consegue emprego:

Dir: “ ...quando liguei para o seu celular, NEL, para confirmar o retorno...o WAL que atendeu...o que isto significa?”

NEL: “aquele celular o WAL deu para mim, mas depois eu devolvi para ele para podermos falar porque o dele, no meu nome, estava com a conta pendurada porque ele não pagou...e eu dei a metade para ele pagar...”

Dir: “ ...então vocês voltaram...mas como é difícil por limites...se cuidar nos vários papéis...de mãe, de mulher...”

Os filhos concordam...

FLA: “ eu, às vezes, fico com este papel de mãe do LUI...ele é bagunceiro...ando brigando muito com ele...”

LUI: “ a FLA é muito autoritária quando fala, ela manda a toda hora em casa...é mais meiga com o FER...”

Dir: “parece que você , FLA, precisa sair deste lugar para NEL poder ocupar...como no início da sessão...você estava mais isolada e NEL no meio de LUI e FER...até que mudamos e você pôde ocupar o lugar de irmã entre os irmãos e NEL de mãe de todos...”

Todos concordam...

LUI: “ sabe...consegui o emprego...vou trabalhar na fábrica de...como operador de máquina...vou revezar os turnos que são 3...”

Dir: “ Parece que quando os lugares ocupados por vocês dentro da família podem ser re-colocados a serviço de suas funções originais as novas re-organizações podem acontecer...a NEL pode experimentar uma relação mais amorosa e comprometida com WAL...você, LUI pode sair do aprisionamento da casa e arrumar emprego...Você, FLA pode continuar a namorar, trabalhar e ajudar em casa, sem ser mãe dos irmãos...e você FER, como está?”

FER: “ *estou bem..., mas sem namorada...não quero compromisso...* ”

....

Recortes da 22ª. sessão: NEL e WAL - novo compromisso:

Dir: “ *qual as expectativas que vocês, enquanto casal, tem do relacionamento hoje?* ”

WAL: “ *queremos ter um filho juntos...* ”

NEL: “ *...quer dizer que queremos nos assumir de um jeito inteiro e diferente...* ”

Dir: “ *que jeito é esse...?* ”

WAL: “ *nós já temos 6 filhos, 3 de cada lado...* ”

NEL: “ *Eu estou conseguindo sair do lugar de filha lá em casa e ser mãe e acho que WAL precisa fazer isto com seu filho mais velho...* ”

WAL: “ *...é quando eu bebia...meu filho mais velho fazia sanduíche e se virava...porque eu não trazia comida para casa...ele quis conversar comigo antes de eu voltar com a NEL, achava que eu estava muito mal...* ”

Dir: “ *e você estava..?* ”

WAL: “ *...é a NEL é o meu eixo...* ”

Dir: “ *parece aí uma grande complicação...quando NEL consegue sair da sua prisão de morte...e volta a vida ela re-encontra você que precisa dela para ter a vida...sempre um jogo de misturas mortais...onde um é vital senão o outro morre... um representa a vida, enquanto o outro fica com a morte....será possível cada um ter seu próprio eixo, se co-responsabilizar com seus próprios projetos, de mãe, pai e agora de mãe e pai dos 6 filhos...o que você pensam sobre isto?* ”

NEL: “ *...é verdade, não tinha pensado nisso...* ”

WAL: “ *como assim...?* ”

Dir: “ *...como você escuta isso?* ”

WAL: “ *...quando a gente voltou, de verdade, eu disse para ela o quanto ela é importante para mim...* ”

Dir: “ *...que bom, WAL...mas será que ser importante é igual ao fato dela ser o seu eixo...?* ”

WAL: “ *...é isso é diferente...* ”

Dir: “ *penso que poderíamos combinar de fazermos uns arranjos nas nossas sessões...vocês dois, depois os filhos de NEL, depois todos juntos e ...quem sabe seus filhos, WAL, também possam comparecer...* ”

Eles concordam (mas os filhos de WAL nunca compareceram...)

Recortes da 29ª. sessão: NEL, WAL, FLA, LUI, FER: o meta padrão da aglutinação frente ao problema..., da simbiose, o jogo de aprisionamento x vida novamente tematizado...

Dir: “ *...finalmente todos juntos...tudo bem com vocês...?* ”

LUI: “ *eu estou com um furúnculo no bumbum e tive que operar...estou com medo de eles me mandarem embora do emprego, pois ainda estou nos 3 meses de experiência...* ”

Dir: “ *puxa...deve ter sido doído o furúnculo e também doído pensar na possibilidade de perder o emprego.. tão sofrido para se conseguir....* ”

Dir: “ como você está se cuidando...?”

LUI: “ ...a mãe faz o curativo...”

Dir: “ mamãe faz curativo em bebê e em menino...mas num homem...? será que FER e WAL não poderiam te ajudar?”

WAL: “ ...eu posso,, às vezes até ajudo mas, NEL faz questão...”

FER: “...eu não posso sempre, pois quando eu volto da escola já é bem tarde e o LUI já fez o curativo..., mas eu quero ajudá-lo, quando der...”

Dir: “ o quê você acha disso, FLA e NEL, da NEL fazer questão de ajudar LUI com seu furúnculo no bumbum...?”

NEL: “...é...se eu não ajudo ninguém faz...”

FLA: “ eu tô de saco cheio...”(havia terminado o namoro, tinha saído do emprego para estudar mais e tentar uma vaga no SENAC, curso de podólogo, que a mãe ia ajudar a pagar...)

Dir: “ ...então, você está mais em casa, está fazendo todas as tarefas, agora, que o LUI, o FER e NEL estão trabalhando...”

FLA: “ tudo sobra para mim...mas o curativo, pelo menos a mãe que faz...”

Dir: “ ...então parece que alguém tem de continuar aprisionado...como no desenho da casa... para alguém viver outro tem de morrer...e agora é você que está escravizada ou, pela sua fala, sua mãe precisa se escravizar cuidando do bumbum do LUI...”

Ego-Auxiliar: “ Para se merecer alguma coisa boa na vida é preciso se sacrificar...”

Dir: “ O que cada um poderia dizer para FLA, hoje?”

FER: “ ...confiar em si e buscar trabalho...”

NEL: “ caixinha de paciência...e ter certeza que está fazendo muita coisa...(passa duas mensagens: uma de cobrança e uma de continência)

WAL: “ paciência e autonomia...”

LUI: “ compreensão dos acontecimentos e importância de arrumar trabalho...”

Dir: “...acho que precisamos olhar para o que a FLA está sentindo e ajudá-la a não reproduzir o mesmo padrão de relação...o mesmo do LUI, o mesmo do FER, em relação ao risco do álcool, e você NEL, sobretudo, deixar o WAL e o FER cuidarem do bumbum do LUI, quando puderem...”

Dir: “ Palavras de cada um antes de irem embora...”

NEL: “ amor...”

WAL: “ que bom quando há diálogo e esclarecimento...”

FER: “ me sinto válido, importante...”

LUI: “ segurança...”

FLA: “ impaciente... , preciso sair deste lugar de querer controlar tudo...preciso saber esperar...”

V-DISSCUSSÃO DOS RECORTES DAS SESSÕES APRESENTADOS:

Categorizamos o processo de terapia familiar em três grandes blocos, de acordo com a temporalidade, o funcionamento dos sub-sistemas familiares, os padrões de relação e as conquistas co-constuídas.

Em relação à estrutura da família e seu modo de funcionamento, apreendemos o fato fundante dos aspectos psicóticos da personalidade que “girava” no sistema familiar, habitando ora o paciente identificado – LUI, ora sua mãe NEL e, por vezes, sua irmã FLA e, com menos agudeza, mas nem por isso menos preocupante, seu irmão FER. Aqui estamos falando do Jogo psicótico que pôde ser identificado e trabalhado na família, aquele que desenhava um padrão relacional de aprisionamento x vida, ou seja para alguém viver plenamente o outro precisava morrer, se sacrificar. Este meta padrão, o padrão que conecta e que dá a organização singular do sistema, ao se tornar mais nomeado e visível pôde nos ajudar a dar inteligibilidade à própria estrutura do sistema – os componentes com suas relações.

Como Palazzoli et alii (1998) já nos havia alertado, *“ Trata-se de ver as relações (o jogo familiar)” como “ reguladoras” das estruturas intrapsíquicas individuais, no sentido de que elas selecionam o aparecimento de determinadas qualidades (por ex. psicóticas), em detrimento de outras qualidades que permanecem em estado potencial (submerso). Nossa esquematização deseja partir do jogo para chegar ao indivíduo e, em seguida, retornar ao jogo...o essencial do jogo (além das intenções dos jogadores) está nas inter-retroações...”* (p. 308);

Percebemos que o processo categorizado, longe de acreditarmos que ele tenha se esgotado, nos mostrou, sim, que pudemos iniciar a co-construção de um elenco de inter- retroações do jogo relacional nomeado, simbolizado, que pôde dar conta de algumas transformações visíveis: o namoro de FLA, o emprego de LUI, a responsabilidade sobre a bebida de FER, o compromisso afetivo de NEL e WAL.

Sabemos que o jogo psicótico é mórbido, apontando para a possibilidade de não atualizarmos nosso potencial humano, aquele que nos permite sermos sujeito dentro de um universo de outros múltiplos, com nossa cor, singularidade, criatividade e limites. A Família aqui apresentada mostrou sua dificuldade de existir enquanto um sistema funcionante, onde o jogo relacional regulava as estruturas intrapsíquicas individuais, selecionando o aparecimento de algumas qualidades, por exemplo, psicóticas de LUI. LUI tomava medicação psiquiátrica e, mesmo assim, não conseguia deslanchar no seu desenvolvimento. Precisou de um “ setting “ que garantisse um acolhimento (*revèrie* materna de Bion e *tele* de Moreno, visão sistêmica da cibernética de 1^a. e 2^a. ordem) tal que desse conta do início do processo de simbolização do ódio e invejas, o que sempre foi impensável; assim como NEL também precisou deste espaço, para poder simbolizar suas questões impensáveis durante sua vida, uma delas sua destrutividade frente ao feminino que precisava despontar de sua filha. Assim, como FER, também precisou compreender o sentido aditivo do álcool na sua vida e FLA o sentido de desempenhar o papel de mãe dos irmãos. Estas questões intrapsíquicas pedem para ser acolhidas pelos jogos relacionais saudáveis e, quando estes não dão conta do recado, o que surge são as disfunções quer individuais, quer grupais. A possibilidade de termos re-construído um lócus que permitisse a vivência, o acolhimento e a nomeação de tais jogos relacionais, pôde facilitar a re-construção de significados frente a alguns significantes, liberando a espontaneidade criadora e a tele-relação. Aqui não estamos escamoteando a importância da singularidade genética, só que estamos referendando a importância dos jogos relacionais – inter – na atualização das qualidades singulares, mais precisamente na co-construção da identidade dos indivíduos.

Se refletirmos sobre nossa postura na condução do trabalho, da perspectiva epistemológica, diríamos que tivemos uma postura enraizada, por vezes, na cibernética de 1^a. ordem, mais diretiva, por vezes, na cibernética de 2^a. ordem, mais construtivista. Isto está de acordo com o pensamento em “ Zigue –Zague” proposto por Palazzoli et alii (1998), onde o importante é, ao abandonar o pensamento

disjuntivo, poder transitar entre a lógica aristotélica - causalidade linear e a causalidade complexa, levando em conta a importância do Princípio da Distinção entre sujeito e ambiente. Morin (1999) também já nos alertara sobre essa perspectiva quando nos fala: “...não abrir mão da velha lógica, ao contrário, integrá-la em um jogo complexo” (p.30). Esta possibilidade de condução ora mais diretiva, ora mais “solta”e, portanto, mais complexa, facilitando a co-criação em vários sentidos e níveis também condiz com nossa crença no desenvolvimento espiralado (Wechsler, 1998).

Nossa metodologia foi embasada no referencial metodológico Moreniano, o que nos facilitou na organização desse “setting”, que permitiu a re-significação de conteúdos e construção de novas formas. Assim, poder ser guiado pelas etapas de uma sessão socionômica, aquecimento, dramatização e compartilhar, onde o foco está na criação de cenas, aliado à metodologia fundante de uma sessão sistêmica de 2^a. ordem, onde o foco está na linguagem, a própria expressão do problema, nos permitiu transitar entre os dois universos constituintes do ser humano: o universo analógico e lógico. O problema é a própria história contada e, neste sentido, as relações constitutivas são construídas através da linguagem, que pode ser lógica e analógica., expressão do pensamento, portanto dos símbolos, dos signos, das crenças, das prioridades.

As técnicas utilizadas, de duplo, espelho, tomada de papel e inversão de papel, emprestadas do referencial metodológico moreniano, assim como as questões lineares, circulares, estratégicas e reflexivas, de Karl Tomm, e a técnica de externalização do problema de Michel White, nos auxiliaram na trajetória rumo ao reconhecimento dos conteúdos co-inconscientes que atravessavam o sistema familiar: algumas vezes, o próprio jogo relacional, aqui denominado de jogo psicótico, pois traduzia um modo de funcionamento primitivo; outras vezes o reconhecimento de conteúdos e formas não adaptativas para o sistema, mesmo que já expressassem um modo de funcionamento mais integrado. Das Questões Lineares, Estratégicas, Circulares e Reflexivas poderemos pontuar os exemplos a seguir, para tematizá-los:

▪ **Questões Lineares:**

Dir: “ *Quais os caminhos que podem transformar a maldição da casa da família?*”

FLA: “ *mais alegria, mais festas em casa...*”

LUI: “ *emprego...*”

NEL: “ *transformação nos meus papéis de mãe, mulher e profissional...*”

É uma questão linear pois as respostas seguem uma lógica dedutiva, de causa e efeito.

▪ **Questões Estratégicas:**

Dir: “ *mamãe faz curativo em bebê e em menino...mas num homem...? será que FER e WAL não poderiam te ajudar?*”

WAL: “ *...eu posso,, às vezes até ajudo mas, NEL faz questão...*”

FER: “ *...eu não posso sempre, pois quando eu volto da escola já é bem tarde e o LUI já fez o curativo..., mas eu quero ajudá-lo, quando der...*”

Acreditamos que os efeitos práticos conservador na família e ajuizatório no terapeuta provenientes das questões lineares, cuja intenção investigatória é fundamentada em suposições lineares sobre a natureza dos fenômenos mentais, assim como os efeitos constrangedor na família e oposicionista no terapeuta das questões estratégicas, cuja intenção corretiva é, também, baseada em suposições lineares sobre a natureza do processo terapêutico, nesta estrutura de família, não foram assim vivenciados. Dessa forma, percebemos que a pergunta linear aqui recortada teve um efeito liberador e a estratégica, um efeito regenerador, pois a estrutura do sistema, com sua organização singular, pedia uma intervenção mais diretiva. Para se trabalhar com famílias com esta organização – modos de funcionamento simbiótico enraizado – pensamos que faz sentido emprestar-lhes um modelo de diferenciação, a fim de que possam, com o tempo, co-construir seus próprios modelos diferenciados.

▪ **Questões Circulares:**

Dir: “ ...então, você está mais em casa, está fazendo todas as tarefas, agora, que o LUI, o FER e NEL estão trabalhando...”

FLA: “ tudo sobra para mim....mas o curativo, pelo menos a mãe que faz...”

Dir: “ E o que acham sobre a tendência de que alguém tem de continuar aprisionado...como no desenho da casa.... para alguém viver outro tem de morrer...e agora é você que está escravizada ou, pela sua fala, sua mãe precisa se escravizar cuidando do bumbum do LUI...?”

Ego-Auxiliar: “ Para se merecer alguma coisa boa na vida é preciso se sacrificar...”

As questões circulares evocam a possibilidade de se pensar no sistema como um todo, seu modo de funcionamento, que é mais que a soma das partes. FLA agora faz o papel do aprisionado na família, daquele que precisa morrer enquanto os outros podem viver – o meta padrão se atualizando.

▪ **Questões Reflexivas:**

Dir: “ O que cada um poderia dizer para FLA, hoje?”

FER: “ ...confiar em si e buscar trabalho...”

NEL: “ caixinha de paciência...e ter certeza que está fazendo muita coisa...(passa duas mensagens: uma de cobrança e uma de continência)

WAL: “ paciência e autonomia...”

LUI: “ compreensão dos acontecimentos e importância de arrumar trabalho...”

Dir: “...acho que precisamos olhar para o que a FLA está sentindo e ajudá-la a não reproduzir o mesmo padrão de relação...o mesmo do LUI, o mesmo do FER, em relação ao risco do álcool, e você NEL, sobretudo, deixar o WAL e o FER cuidarem do bumbum do LUI, quando puderem...”

Dir: “ Palavras de cada um antes de irem embora...”

NEL: “ amor...”

WAL: “ que bom quando há diálogo e esclarecimento...”

FER: “ me sinto válido, importante...”

LUI: “ segurança...”

FLA: “ impaciente... , preciso sair deste lugar de querer controlar tudo...preciso saber esperar...”

Este recorte mostra a continuação do diálogo anterior, o da pergunta circular, acrescido da pergunta reflexiva, quando o terapeuta ao reforçar sua reflexão sobre o funcionamento do sistema, pede palavras que expressem as reflexões de cada um, quer sobre FLA, quer sobre a sessão. A de FLA : “ *impaciente... , preciso sair deste lugar de querer controlar tudo...preciso saber esperar...*” nos pareceu muito sintônica com o reconhecimento da organização singular do sistema, acrescentando outros aspectos mais finos sobre a própria organização – a necessidade de se querer controlar tudo (onipotência), de não se saber esperar (não agüentar os dados de realidade).

Acreditamos que as intenções exploratória e facilitadora da condução terapêutica, característica das perguntas circulares e reflexivas, puderam ajudar o sistema a se re-organizar, apontando para o fato da importância de se aliar os diversos tipos de questões, quer aquelas que se apóiam em suposições lineares, quer aquelas que se fundamentam nos processos circulares e recursivos.

Em relação à técnica da Externalização do Problema, de Michel White, efetivamente a usamos na sessão do Jogo dos Limites (5ª. Sessão), uma vez que este era o problema a ser externalizado. No entanto, optamos por não recortar aquela sessão, somente assinalar que havia acontecido.

A idéia de Equipe Reflexiva de Tom Andersen, como já comentamos na parte da metodologia, foi mais um instrumento integrado ao tripé que orientou nossa prática, quer seja, os contextos, instrumentos e etapas. Pensamos que esta integração foi possível, visto que a idéia da equipe reflexiva é muito similar à idéia do coro do teatro grego, onde o coro expressava, veiculava as ressonâncias das cenas teatralizadas, pontuando os valores, as idéias co-conscientes e co-inconscientes. Como a dupla

de terapeutas que atendeu esta família foi acompanhada pela equipe de outros terapeutas, atrás do espelho, esta formou a equipe reflexiva que, algumas vezes, contribuiu para o desenvolvimento do trabalho no contexto grupal.

O método sociodramático familiar sistêmico, tal qual Seixas (1992) articulou pôde ser vivenciado, sobretudo na 16^a. sessão, com a *dramatização: Imagens da ponte entre mundo interno e externo; entre família e mundo*, onde teve visibilidade, inteligibilidade a estrutura do sistema, via a configuração relacional esboçada por LUI, com sobreposição das áreas de trabalho e família e com falta de integração entre os conteúdos ditos ‘bons’ e ‘maus’ referentes à família. A possibilidade de ver de fora – em espelho – permitiu a LUI e a toda a família, o reconhecimento do drama com suas tramas, facilitando-os na reconstituição de sentidos e re-significação de conteúdos. Acreditamos que, ao longo das sessões a tele-relação foi sendo atualizada e a catarse de integração se deu durante o processo. Podemos ainda dizer que durante todo o processo houve articulações entre as técnicas psicodramáticas e as perguntas de Karl Tomm.

Para finalizar esta discussão, gostaríamos de ressaltar que o processo terapêutico familiar aqui apresentado nos permitiu sistematizar esta gama de conhecimentos que passa pelo percurso da terapia sistêmica, pelo precursor não legitimado cientificamente deste modo sistêmico de apreender os fenômenos, criador da socionomia, Jacob Levy Moreno, pelo estudioso da construção do conhecimento, da perspectiva da inteligência, Jean Piaget, pela psicanálise de Bion e, pelos contemporâneos do pensamento complexo Morin e Maturana. Acreditamos que o processo não se esgotou e sim o compromisso de atendimento na Instituição e, neste sentido, se fez o convite para a família continuar no consultório particular de uma das terapeutas da dupla, a qual primeiramente aceitou, mas efetivamente não compareceu no início de 2004. Refletindo sobre o fato, pensamos que a família pôde encontrar um equilíbrio satisfatório e que o vínculo formado com eles deixa aberto a possibilidade de retorno...

VI- CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Recuperando os objetivos propostos no início do trabalho, podemos dizer que os atendimentos realizados junto aos membros da família puderam ser facilitadores da re-construção de novos sentidos e funções de seus membros, permitindo a des-construção de formas e conteúdos não adaptativos.

No entanto, para este momento das considerações finais, optaremos por dois focos: o primeiro que trata da possibilidade de tecermos comentários sobre a Teleologia e Teleonomia que garantem a vida;. O segundo que estabelece algumas conexões entre a pesquisa aqui apresentada e os pressupostos da Pesquisa-Ação.

Em relação ao primeiro, quando se consegue ler o sistema sob o foco dos jogos relacionais, estabelecendo um padrão de relação familiar que permita conexões entre a organização intra-psíquica de seus membros e a inter-psíquica, existe a tendência de se re-colocar o sistema para funcionar de modos mais adaptativos, atualizando a Teleologia e a Teleonomia que garantem a Vida. Para nós, um sistema não tem, à priori, uma organização pré-estabelecida de seus conteúdos que deva ser perseguida, mas temos a crença, que ele tem uma direção pré-estabelecida, que garante a vida. A preocupação da teleologia é o estudo dessa direção que tende à adaptação, mais ou menos funcional. Entendemos que a direção persegue o caminho da complexidade, das relações que traduzem as combinações possíveis entre parte e todo, incluindo experiências e operações de ordem física e lógico-matemática e das inter- retroações, que nos mostram como o elenco de *feedbacks* estão re-alimentando o sistema. Wechsler (2002) nos esclarece sobre o que venha ser experiências de ordem física e lógico-matemática: “*as experiências podem ter duas finalidades, de ordem física e lógico-matemática: as primeiras dão conta de extrair as especificidades, o contorno das coisas; as segundas de compreender as relações entre as coisas*” (p. 6). Acreditamos, ainda, que para se dar inteligibilidade à teleologia,

temos que nos ater à teleonomia, ou seja ao estudo das regras intrínsecas à esta direção, que, no processo terapêutico, aqui apresentado, pôde ser evidenciado quando se deu visibilidade ao padrão que conectava as inter-relações do sistema, qualificando algumas características intrapsíquicas.

Assim, apreender as regras que determinam o funcionamento do sistema, nomeando o padrão que conecta seus componentes é atualizar o estudo da teleonomia e ao fazê-lo, se tem condições de re-colocar o sistema numa direção mais adaptativa, atualizando, então, a própria teleologia. Moreno já havia nos deixado seu legado sionômico, por intemédio da sociodinâmica, sociometria e sociatria, o que, também, atualiza o estudo da teleonomia e teleologia, nos permitindo apreender as regras dos grupos sociais, suas dinâmicas, sua estrutura e suas possíveis cura. Aqui não estamos falando somente da cibernética de 1ª. Ordem (incluindo a 1ª. Cibernética e a 2ª.), mas sim da possibilidade de se transitar entre ela e a de 2ª. Ordem, uma vez que a implicação de todos os membros da família os coloca como co-responsáveis pelos sentidos do que era invisível e pelos novos sentidos co-construídos.

Por último, gostaríamos de tecer algumas considerações sobre a pesquisa aqui apresentada e alguns pressupostos de Pesquisa-Ação, acreditando ser um modo de se fazer pesquisa qualitativa que se conecta aos pressupostos sistêmicos.

Barbier (2000) nos coloca que a Pesquisa-Ação pressupõe três pontos essenciais, segundo Wechsler (2004): “o processo educativo como objeto passível de pesquisa; a natureza social do objeto de pesquisa e as conseqüências da reforma em curso; a pesquisa como atividade social e política, portanto ideológica...No entanto, Barbier (2000) pontua a importância de se colocar a dimensão do vir-a ser do ser humano e, nesta medida, conduz-nos para a **Pesquisa-Ação Existencial**, pessoal e comunitária e, até mesmo, transpessoal, uma vez que a finalidade de transformação da realidade social passa pela necessidade de uma participação essencial e experiencial do ‘si mesmo’” (p. 4).

Acreditamos que a família é um microcosmo dentro de um macrocosmo, tal qual a visão sistêmica aqui esboçada nos apresentou. Dessa maneira, trabalhar com os funcionamentos não adaptativos desses microcosmos e estar com eles no processo de transformação é, também, em alguma medida, trabalhar para a transformação maior do macrocosmos.

Se entendermos que os pressupostos sistêmicos já estavam na origem do pensamento de Moreno, e se levarmos em conta o que Wechsler (2004) nos coloca:

“Ora, será que esta modalidade de Pesquisa-Ação Existencial, Inteira, Pessoal e Comunitária não é exatamente o legado que Moreno nos deixou? Uma vez que o projeto dos métodos sionômicos é o resgate da co-criação através do desempenho de papéis e contrapapéis que têm sua dimensão individual e coletiva, ao mesmo tempo, e que na dialética da ação, pode jogar e co-criar sua dimensões existenciais, pessoais, integral e comunitária?” (p. 4). Cabe, então, fazermos outras tematizações que alinhe, ainda mais, o pensamento sistêmico com esta nova modalidade de pesquisa. Fica aqui, por ora, essas primeiras pontuações e o desejo para futuros trabalhos que articule estas visões.

VII- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

1. ANDERSEN, Tom. *El Equipo reflexiva – Diálogos y diálogos sobre diálogos*. Gedisa editorial, 1994.
2. BARBIER, René. *A Pesquisa-Ação*. Brasília, Editora Plano, 2000.
3. BATESON, Gregory. *Mente e Natureza - A Unidade Necessária*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1986.
4. BION, W. R. (1967). *Estudos Psicanalíticos Revisados (Second thoughts)*. Rio de Janeiro, Imago, 1994.
5. _____ (1962). *Os Elementos da Psicanálise*. Rio de Janeiro, Zahar, 1966.
6. CAPRA, Fritjof. *O Ponto de Mutação*. São Paulo, Cultrix, 1982.

7. GONÇALVES, Camila et alii. *Lições de Psicodrama – Introdução ao pensamento de J.L.Moreno*. São Paulo, Agora, 1988.
8. GRANDESSO, Marilene A. *Sobre a Reconstrução do Significado*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2000.
9. MATURANA, Romesin, H. *Da Biologia à Psicologia*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1998.
10. MORENO, Jacob L. (1923). *O Teatro da Espontaneidade*. São Paulo, Summus, 1984.
11. _____ (1934). *Fundamentos de la sociometria*. Buenos Aires, Paidós, 1972.
12. _____ (1946). *Psicodrama*. São Paulo, Cultrix, 1984.
13. _____ (1959). *Psicoterapia de Grupo e Psicodrama*. São Paulo, Mestre Jou, 1974.
14. MORIN, Edgar. *Ciência com Consciência*. Portugal, Publicações Europa-América, Lda, 1982.
15. _____. *Por uma Reforma do Pensamento*. In: PENA-VEJA & NASCIMENTO, (org.). *O Pensar Complexo, Edgar Morin e a crise da modernidade*. Garamond, 1999.
16. NICHOLS, Michael P. & SCHWARTZ, Richard C. *Terapia Familiar – Conceitos e Métodos*. Porto Alegre, Artmed, 1998.
17. PALAZZOLI, Mara Selvini et alii. *Os Jogos Psicóticos na Família*. São Paulo, Summus Editorial, 1998.
18. PIAGET, Jean. *Recherches Sur L'abstraction Réfléchissante – L'abstraction dès relations lógico-arithmétiques et L'abstraction de l'ordre des relations spatiales*. Paris, Presses Universitaires de France, 1977.
19. SCHWARTZ, Richard et alii. *Metaconceitos – Transcendendo os modelos de terapia familiar*. Porto Alegre, Artmed, 2000.
20. SEIXAS, Maria Rita D'Angelo. *Sociodrama Familiar Sistemico*. São Paulo, Editora Aleph, 1992.
21. TOOM, Karl. *Family Process – Entrevistamento Interventivo: Parte III. Pretendendo fazer questões lineares, circulares, estratégicas ou reflexivas?*
22. VEER, René V. & VALSINER, Jaan. *Vigotsky uma síntese*. São Paulo, Edições Loyola, 1996.
23. WECHSLER, Mariângela P.Fonseca. *Relações entre Afetividade e Cognição – de Moreno a Piaget*. São Paulo, Annablume & Fapesp, 1998
24. _____. *Psicodrama e Construtivismo- Uma Leitura Psicopedagógica*. São Paulo, Annablume&Fapesp, 1999.
25. _____. *A Matriz de Identidade numa Perspectiva Construtivista: Locus de Construção de Conhecimento*. In Revista Brasileira de Psicodrama, vol 5, n. 1, 1997, ps.21-28.
26. _____. *Psicodrama e Construtivismo*. Texto mimeo. Apresentado em Mesa Redonda do XIII Congresso Brasileiro de Psicodrama, 29/05-01/06/2002. Sofitel, Costa do Sauipe, Bahia. 9 pgs.
27. _____. *A Pesquisa-Ação e os Métodos Socionômicos: Uma conexão possível?* Texto mimeo. Apresentado em Temas em Debate do XIV Congresso Brasileiro de Psicodrama, 09/06 –12/-6/2004. Belo Horizonte, Minas Gerais. 9 pgs
28. WHITE, Michel. *Guias para Cena Terapia Familiar Sistemica*. Gedisa Editorial
29. WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1993.